

MEDIAÇÃO, PRESENTE: ARQUIVISTAS COMO MEDIADORES DA LEITURA

MEDIATION, GIFT: ARCHIVISTS AS READING MEDIATORS

Gisele Meneses de Paula Almeida Sousa^a
Raquel do Rosário Santos^b

RESUMO

Objetivo: Analisar como os arquivistas vêm realizando as atividades de mediação da leitura e quais os documentos utilizados nessas práticas. **Metodologia:** A pesquisa configura-se como exploratória, quanto ao procedimento, o método utilizado é o levantamento de campo. Os dados foram coletados através de um questionário *online* e analisados com base na abordagem quantitativa e qualitativa. **Resultados:** Os dados levantados conduzem a percepção de que os arquivistas são mediadores da leitura e atua no apoio direto e indireto, na formação dos sujeitos leitores, e em suas atividades mediadoras utilizam documentos de arquivo, com destaque para os documentos textuais e iconográficos. **Conclusões:** constatou-se que as atividades de mediação da leitura são essenciais para uma atuação proativa do arquivista e que essas atividades mediadoras podem contribuir para a interpretação crítica e formação dos sujeitos leitores, conduzindo-os para uma reflexão que apoie a conscientização de suas ações, com base na busca, acesso e apropriação da informação.

Descritores: Leitura. Mediação da leitura. Arquivista-atuação. Leitor-arquivo.

1 INTRODUÇÃO

A leitura é entendida como uma ação social que permeia as interpretações das expressões humanas sejam elas por meio da escrita, do som, das imagens, e dos movimentos. Portanto, essa ação, a leitura, ocorre além dos textos escritos, e ainda contempla as práticas dos agentes sociais, em um processo de encontro do produtor dos documentos, do próprio dispositivo informacional e dos leitores. Assim, a leitura pode alcançar a característica de ser uma ação

^a Graduada em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Brasil. E-mail: gisamenesespas@gmail.com

^b Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Brasil. E-mail: quelrosario@gmail.com

transformadora e de ressignificação da vida dos sujeitos.

Ao reconhecer a importância do ato de ler, compreendendo que a interpretação e a apropriação das informações ocorrem por meio deste ato, entende-se a necessidade do papel consciente do mediador da leitura. Entre os mediadores da leitura está o arquivista, visto que, na ambiência do arquivo ou no ambiente que esse profissional venha atuar, ele pode desenvolver uma aproximação entre o sujeito e as informações registradas nos documentos de arquivo.

As atividades de mediação da leitura demandam uma ação humanizada e consciente por parte do arquivista que deve planejar e realizar as atividades mediadoras visando que os usuários/leitores tenham acesso aos documentos de arquivo, como também possam problematizar, junto a outros usuários, as informações que tiveram acesso, em um ato significativo que apoie o processo de apropriação das informações.

Este estudo teve como objetivo geral analisar como os arquivistas realizam as atividades de mediação da leitura e quais os documentos utilizados nessas práticas. Diante disso, entende-se os arquivistas, como mediadores da leitura, considerando suas múltiplas experiências profissionais com os documentos de arquivo, uma vez que os arquivistas atuam em ambientes que apresentam perfis de usuários diversificados. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo de caráter exploratório, tendo como método o levantamento de campo, que possibilitou investigar a realização das atividades de mediação da leitura por 20 arquivistas. Esse resultado foi alcançado por meio da técnica de aplicação de questionário e analisado a partir das abordagens qualitativas e quantitativas.

A pesquisa pautou-se nos estudos de Freire (1997), Martins (1988) e Leffa (1996) quanto ao ato de ler; como também de Bortolin (2010) e Sousa, Santos e Jesus (2020) que tratam sobre mediação da leitura e, em relação aos documentos de arquivo, tomou-se como embasamento teórico as afirmações apresentadas e defendidas por Bellotto (2010).

2 A MEDIAÇÃO DA LEITURA REFLETIDA NA ATUAÇÃO DO ARQUIVISTA

O ato de ler é mais amplo do que a decodificação de signos linguísticos, memorização de trechos, repetição de palavras e de uma ação mecânica, aspectos criticados por Paulo Freire (1997). Essa concepção contrapõe o processo em que os sujeitos interpretam e se apropriam das informações, como também da dinâmica social que interfere em sua realidade. Leffa (1996, p. 10) ao tratar sobre a leitura, afirma que “[...] esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade.” As representações e expressões sociais, culturais, políticas, artísticas e até mesmo as corporais do sujeito, como, por exemplo, gestos faciais, são elementos que integram a realidade e ganham significados a partir do ato de ler, sendo tais elementos caracterizados e integrantes do processo da leitura de mundo do sujeito.

Nesse sentido, Paulo Freire (1997) defende que anterior à leitura da palavra o sujeito realiza a leitura de mundo. Pode-se entender que as informações registradas ou compartilhadas por meio da oralidade, alcançam um sentido quando o sujeito leitor aproxima ou interpreta a partir de sua vivência ou elementos que constituem seu contexto e suas práticas socioculturais. Ou seja, o sujeito leitor atribui sentido ao que lê nos diversos documentos e por meio da interação com o outro a partir de seu repertório informacional que está associado às relações culturais e de seu contexto social.

Quando existe uma associação entre os elementos da realidade e as experiências, saberes e conhecimento prévio dos sujeitos pode-se perceber evidências da leitura, haja vista, consciente ou inconscientemente, os sujeitos estão interpretando/lendo informações da prática social ou registradas, a que têm acesso por meio das suas percepções. Importa destacar a trajetória de aprendizagem dos sujeitos nesse processo, pois Martins (1988) defende que ler abrange todo um sistema das vivências interpessoais e circunstâncias de vida humana.

Diante do exposto e do cenário da leitura nos arquivos, é preciso abranger

a perspectiva da leitura no que diz respeito ao fazer arquivístico, uma vez que a discussão sobre o ato de ler pelos arquivistas é fortemente atrelada a leitura documental de forma técnica, voltada para a representação da informação.

A leitura documentária é o início da tarefa que leva ao processamento e ao tratamento da informação, permitindo a realização da indexação, classificação e elaboração de resumos. Procedimentos esses que requerem, por meio da compreensão do que foi lido: a identificação de conceitos que representarão o conteúdo para futura recuperação em uma unidade de informação, seja essa representação palavras-chaves, número de classificação ou a síntese de um conteúdo documental (Fugita; Rubi, 2020, p. 244).

Essa leitura é necessária para atuação do arquivista no que diz respeito ao tratamento documental, que tem por objetivo viabilizar o acesso e recuperação da informação. No entanto, apesar do fazer técnico desse profissional, o mesmo não deixa de pertencer a um meio no qual há interação social, por certo, o acesso aos documentos de arquivo tem suas nuances, mas apesar da esporadicidade que possa existir do contato dos usuários com os documentos, o arquivista pode se atentar para a leitura com objetividade, considerando que esse ato pode auxiliar no que diz respeito ao estreitamento da relação com o usuário-leitor, disseminação dos arquivos e contribuir para uma troca de informações que possibilite a apropriação da informação e a busca pelo conhecimento. Assim, a leitura é um ato humano essencial para a apropriação da informação, visto que a decodificação e a interpretação são ações que permitem o entendimento e a construção de informações e conhecimentos, portanto informação e leitura são interrelacionadas.

É imprescindível considerar a relação do indivíduo com o seu meio e consigo mesmo, nesse ato amplo e dinâmico que é ler.

Por esse prisma, nota-se de fato quem é o leitor:

[...] Por leitor, aqui, entendemos aquele Sujeito que se abre para a interlocução com obras artísticas em geral, práticas culturais, edificações e organizações urbanas etc. Ele trava um rico diálogo com o texto, ampliando sua capacidade de reflexão e transformação (Pina; Sampaio, 2010, p. 63).

O leitor é dotado de uma postura, que permite que ele avance e dialogue a ponto de atribuir sentido e significado aos textos. Com isso, destaca-se a afirmação de Martins (1988, p. 32) “[...] o leitor assume um papel atuante, deixa

de ser mero decodificador ou receptor passivo”. A autora também pontua que o ato de ler não começa na interação com o texto, além de tratá-lo como processo modificador. Leitura remete a criação e geração de mudanças, portanto, o leitor é um sujeito ativo nesse processo, em que não existe neutralidade, mas transformações.

Optou-se por usar o termo leitor para se referir aos usuários dos arquivos, pois parte-se do pressuposto que a leitura é intrínseca ao indivíduo, sendo a leitura um dos “[...] mais complexos e completos recursos sócio-históricos para a formação do indivíduo tanto intelectual quanto social; de modo que ele se aproprie do conhecimento e, ao mesmo tempo, torne-se produtor de conhecimento” (Silva; Almeida Júnior, 2018, p. 72). Aquele que adentra aos arquivos, por certo é um leitor; o contexto sociocultural que o sujeito está inserido de fator é um indicador que interferirá no seu processo interpretativo e em suas relações sociais. O arquivista deve considerar as dificuldades que podem existir no processo de apropriação das informações pelo usuário leitor, consciente que é possível desenvolver o senso crítico e a troca de experiências com o mesmo.

Faz-se necessário realizar uma ponderação, visto que existem fases da leitura e um processo de transformação, ou seja, no encontro com a informação, por meio da leitura, o sujeito alcança algum nível de transformação, mesmo que essa vivência não seja imediatamente percebida por ele, visto que a autoleitura também integra esse processo de descoberta. Assim, a leitura ocorre em um tempo diferente para cada sujeito e essa o transformará de modo singular, decorrente do acesso e da apropriação da informação que o sujeito alcance por meio da leitura.

A partir do que foi discutido e do entendimento que se tem sobre a leitura e o leitor, é necessário compreender a importância do texto nesse processo, e como ele se relaciona com o sujeito.

Há um consenso entre os teóricos sobre o sentido amplo do que vem a ser o texto, no qual se compõe de diversas linguagens. O texto - objeto a ser lido - não se restringe ao que está escrito (Martins, 1988), mas pode ser imagético, sonoro, como também se apresenta por meio da união da imagem (em movimento ou não) e do som. Outro ponto a ser evidenciado é que o texto como

o leitor, também não é neutro, Pina e Sampaio (2010, p. 61) atestam que “[...] tanto o sujeito (leitor) como o texto são históricos e culturais, isto é, carregam características que denunciam suas origens, expectativas e preferências”. Ambos pertencem há um tempo e contexto sociocultural que os influenciam, por isso, há necessidade de mediação entre eles, no qual é projetado um caminho para um encontro transformador.

O texto apresenta um potencial que só é atingido a partir da interação com o leitor, tendo em vista que “[...] o texto nasceu para ele, para que o descubra, o reinvente a partir de si, dando-lhe vida” (Pina; Sampaio, 2010, p. 62). À vista disso, pode-se afirmar que cada leitor, no processo de ‘encontro’ com o texto, o ressignifica, a partir de seus saberes e vivências, mas também esse texto serve a um propósito, interferindo e cumprindo o objetivo para o qual foi produzido, seja por seu conteúdo ou forma que o constitui. Dessa maneira, o tipo de letra, o formato, as informações registradas, entre outros elementos que constituem o texto podem ser apropriadas e transformar o sujeito leitor.

Leffa (1996) frisa que o texto é um reflexo do conteúdo, e que não há uma relação homogênea entre os mesmos. O conteúdo é flexível quando há interação do leitor com o texto e só ocorre a compreensão nesse confronto “[...] se houver afinidade entre os elementos leitor e texto e se determinadas condições estiverem presentes” (Leffa, 1996, p. 17). Infere-se com isso, que pode haver uma lacuna entre texto e leitor, sendo fundamental a presença de um mediador para criar meios, selecionar e favorecer a interpretação de conteúdos, utilizar técnicas para sanar as dificuldades de entendimento quanto a interpretação dos textos, de modo a potencializar que o encontro entre o sujeito e o texto informacional, por meio da leitura, seja efetivo.

Com o exposto, não se pode apenas considerar o texto, mas deve-se explorar todos os elementos que podem integrá-lo, como o suporte, o formato, o assunto, contexto e motivação de criação. Porque esses elementos, os gostos e as preferências do sujeito são norteadores das práticas de leitura. Diante disso, é pertinente reconhecer que essa tessitura envolve o objeto mediado, considerado documento, uma vez que, a conceitualização do mesmo engloba não só as representações linguísticas verbais ou não verbais, mas também

elementos que o constituem, a origem e a função da sua gênese. Desse modo, o texto está registrado nos mais variados documentos, em um processo de representação da realidade, em que os sujeitos podem interpretar e se apropriar da informação, considerando os aspectos subjetivos de sua singularidade e da coletividade que interfere no ato de ler.

Para Romero Tallafigo (1994 *apud* Bellotto, 2010, p. 162) documento é:

Uma realidade semiótica, com significantes e significados, com signos de textos, com símbolos retóricos e icônicos, com signos de cortesias com intenções de seu autor e reações suscitadas em seu destinatário. O documento é uma presença a mais na grande coreografia contemporânea dos signos [...].

Os documentos como registros dos processos vivenciados pela sociedade carregam signos que expressam a variedade de formas de comunicação e de atividades humanas. Esses documentos são criados por uma gama de necessidades e em decorrência do exercício de atividades distintas, seja por questões pessoais, profissionais e/ou acadêmicas, servindo a geração presente e também futura, seja para tomada de decisão, ensino, pesquisa, conscientização de fatos do passado que refletem no hoje, reconhecimento e fortalecimento de identidades, garantia de direitos, entre outros. O uso, o destino, o armazenamento e a condição dos documentos são determinados pela função que motivou sua criação (Bellotto, 2006). Esses elementos prescrevem a área do conhecimento responsável pelo estudo e análise de tais documentos.

Nesta pesquisa, será considerado o documento de arquivo, principal objeto de estudo e trabalho dos arquivistas. As características que exprimem sua identificação são “[...] o princípio da proveniência (vínculo ao órgão produtor/recebedor/acumulador) e o princípio da organicidade (a coerência lógica e orgânica no contexto de produção, o vínculo aos outros documentos do mesmo conjunto)” (Bellotto, 2010, p. 163). Esses princípios juntamente com outros atributos consolidam a originalidade, o tratamento desses documentos e execução das tarefas arquivísticas, a saber, a autenticidade, a integridade, a confiabilidade, a forma, o caráter probatório e testemunhal, como também sua natureza, se público ou privado (Bellotto, 2010). É evidente o quanto o documento de arquivo é singular e a relevância desse registro para o produtor e para os usuários.

Esses documentos podem se apresentar em variados suportes, tendo as informações contidas de diferentes formas, com tanto que esteja estabelecida de modo a fazer entendido a sua razão de ser. Devido a isso, o documento de arquivo é classificado de acordo ao gênero documental - quer dizer a reunião de documentos que apresentam características semelhantes quanto ao seu suporte e disposição das informações (Arquivo Nacional, 2005). Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), os documentos podem ser classificados, quanto ao gênero, como documento textual, audiovisual, cartográfico, filmográfico, iconográfico e bibliográfico.

No Quadro 1, A título de exemplo, nota-se alguns documentos que integram sete (7) gêneros documentais citados anteriormente, o bibliográfico não será considerado, pois, a pertinência desse gênero é comprometida, tendo em vista que os gêneros textual, iconográfico e eletrônico contemplam os documentos apresentados pelo Arquivo Nacional na categoria do bibliográfico (Santos, 2018). Dessa forma, preza-se por evitar a redundância de documentos.

Quadro 1 - Gênero documental

Gênero	Documentos
Documento Textual	Documentos manuscritos, datilografados ou impressos: atas de reunião, cartas, decretos e livros de registro.
Documento Iconográfico	Documentos que contêm imagens fixas: fotografias, pinturas e cartaz.
Documento Cartográfico	Documentos que contêm representações gráficas da superfície terrestre ou de corpos celestes e desenhos técnicos: mapas, plantas e fotografias aéreas.
Documento Audiovisual	Documentos que contêm imagens fixas ou em movimentos: registros sonoros, filmes e fitas videomagnéticas.
Documento Filmográfico	Documentos que contêm imagens em movimento , com som ou não: filmes e fitas videomagnéticas.

Fonte: Adaptação do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005).

Com isso, uma carta, um vídeo, uma fotografia, um áudio, um filme, um artigo, ao apresentar as características postas anteriormente esses serão classificados como documento de arquivo. Independente do seu suporte e da sua gênese, o que se espera do documento de arquivo é

[...] a garantia de cidadania, de governabilidade, de

entendimento e permanência do respeito aos direitos e deveres entre governantes e governados, na esfera pública, ou mesmo, dentro dos microcosmos das organizações e entidades privadas (Bellotto, 2010, p. 16)

No entanto, para que se possa observar os fenômenos citados é preciso que os sujeitos leitores tenham acesso, interpretem e se apropriem das informações registradas nos documentos de arquivo. Reitera-se que:

Dar acesso aos arquivos não se confunde com torná-los consultáveis, mas significa, ao fim e ao cabo, torná-los inteligíveis. Trata-se, portanto, da causa e da consequência de um processo de mediação – uma negociação muito delicada, uma costura fina entre o usuário, o objeto procurado e os múltiplos agentes humanos, institucionais e tecnológicos – que **só se efetiva** quando o perfil das instituições arquivísticas, as especificidades definidoras dos arquivos e a natureza do documento arquivístico são **bem compreendidos** pelos diversos sujeitos envolvidos numa relação marcada pela alteridade (Campos, 2022, p. 507, grifo nosso).

Entende-se que a mediação da leitura é um processo complexo que exige conhecimento e profissionalismo dos arquivistas que proporciona o encontro do sujeito com o documento, em primeira instância, e, por meio deste, com a informação, sendo necessário o desenvolvimento do ato da leitura para que essa informação seja apropriada. Por isso, é fundamental a realização de atividades de mediação da leitura, que favoreçam o acesso e a apropriação da informação. Atentando-se para o perfil e as demandas dos sujeitos leitores, os arquivistas podem realizar diferentes atividades, com objetivos e características, utilizando dos diversos dispositivos informacionais para a realização da mediação da leitura.

Nesse sentido, Santos, Sousa e Jesus (2020) apresentam uma definição da mediação da leitura, para tanto, as autoras tomam como base o conceito de mediação da informação proposto por Almeida Júnior (2015, p. 25), que segundo o autor:

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

A partir da reflexão desse conceito, entendendo que existe um entrelaçamento da mediação da informação e da mediação da leitura, Santos, Sousa e Jesus (2020) defendem a mediação da leitura como uma ação praticada de forma consciente por professores, bibliotecários, arquivistas, museólogos, entre outros profissionais, de modo individual ou coletivo, que possibilita uma leitura múltipla ou não, na ambiência dos dispositivos informacionais, culturais e sociais, que favoreça o acesso e a apropriação da informação.

Nesse sentido, o arquivista tem uma responsabilidade social de construir junto ao usuário novos conhecimentos, por meio do acesso, uso e apropriação das informações.

É essa nossa missão: - assegurar a informação do futuro, nós somos o traço de união de duas épocas. Entretanto, a responsabilidade primeira do arquivista é para com o homem de nosso tempo. Tal responsabilidade se exerce não apenas com relação à Nação, ao Estado e à Administração, mas sobretudo ao cidadão, encarado como indivíduo que é (Duchein, 1978, p. 31).

A partir da reflexão apresentada por Duchein, em 1978, é possível reiterar a atuação do arquivista sobre a custódia dos documentos, compreendidas como as atividades referentes à preservação da memória, mas também o compromisso desse profissional em potencializar o acesso e o uso dos documentos que favoreçam a constituição identitária e memorialística dos 'sujeitos do presente'. Entende-se que o alcance desse objetivo - favorecer a apropriação da informação para o desenvolvimento dos sujeitos - só é possível por meio das atividades mediadoras de leitura que possibilitam o acesso aos documentos e à apropriação das informações.

Nesse sentido, Brandão (2022) reflete que o arquivista, como agente mediador, torna-se protagonista, no processo de busca pela conscientização de suas ações. Compreende-se que desde as atividades de conservação, organização e difusão da informação esse profissional deve considerar os sujeitos, contextos e dispositivos, buscando assumir uma postura crítica da realidade e das demandas apresentadas pelo contexto sociocultural. Como também, fomentar o espaço dialógico, do debate e da problematização a partir dos documentos arquivísticos e de discursos apresentados pelos sujeitos leitores, de modo a favorecer o desenvolvimento do ato de ler, portanto, atuando

como mediador da leitura.

A atenção do arquivista para realização das atividades de leitura torna a mediação promissora a ponto de os sujeitos agregarem valores às informações contidas nos documentos, correlacionando-as com suas experiências e seu ciclo de relacionamentos, seja em casa, na escola, na universidade, no trabalho, na biblioteca, no arquivo, na praça e/ou no hospital. Para Bortolin (2010, p. 107), a mediação da leitura “[...] é um ato fundamental para formação de leitores, um posicionamento sociocultural no sentido de levar o cidadão a ler diferentes textos para que ele, com autonomia, exerça plenamente seu papel de cidadão.” Nessa conjuntura, o arquivista ao possibilitar a leitura de diferentes documentos, faz com que o sujeito conheça/reconheça diferentes realidades, com isso há a expectativa de que ele se posicione de forma ética, empática, política e crítica, fortalecendo a cidadania e bem-estar social.

Ao tomar como base a pluralidade dos ambientes em que o arquivista pode exercer suas atividades profissionais, pode-se pensar, por exemplo, em ações de mediação da leitura em um arquivo em ambiente hospitalar, em que os pacientes ou seus familiares podem requerer o acesso aos prontuários, e mesmo com essa possibilidade, sendo alcançada a informação, só será de fato acessada se esses sujeitos interpretarem os termos gerais e específicos da área da saúde e com essa informação desenvolverem as ações que os motivaram na busca pela informação. Como expressou Campos (2022), além de dar acesso aos arquivos é preciso que os arquivistas torne-os inteligíveis. Dessa maneira, também é papel do arquivista, no desenvolvimento de suas atividades, favorecer a interpretação de termos especializados; o entendimento do conteúdo registrado no documento; a associação das informações com a realidade do sujeito e as possíveis transformações que essa informação pode realizar, ou seja, uma leitura relacional e interpretativa de sua realidade. Portanto, ao desenvolver essas atividades, o arquivista estará atuando também como mediador da leitura.

É relevante o reconhecimento do arquivista quanto mediador da leitura e a realização dessas práticas em diferentes ambientes, uma vez que os documentos tratados por esses profissionais, *a priori* servem a administração e

público específico. Pensar em atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas no ambiente organizacional é complexo, tendo em vista a falta de interesse dos gestores, a cultura das organizações, a própria dinâmica de trabalho que diariamente buscam atingir suas atividades finalísticas, e as demandas da gestão documental. Apesar das dificuldades, a mediação da leitura pode auxiliar a gestão da informação e conhecimento, identificar e apoiar na administração dos recursos humanos, financeiros e tecnológicos, auxiliar na presença digital dessas instituições, fomentar a pesquisa, promover uma melhoria do relacionamento de servidores, gestores, fornecedores, colaboradores e clientes, e fortalecer o sentimento de pertencimento dos sujeitos.

A natureza das organizações, as especificidades dos usuários/leitores, as legislações vigentes e as características dos documentos devem ser consideradas durante o planejamento de atividades de mediação da leitura em ambientes organizacionais. A mediação da leitura, além de ter o viés educativo e cultural, também, deve cooperar para o desenvolvimento funcional da instituição. O arquivista, como mediador da leitura, pode atrelar as atividades leitoras às técnicas e instrumentos de gestão, uma vez que essas são habituais em corporações e em suas aplicações. Percebe-se que nesse exemplo, citado acima, é necessária uma interpretação por parte dos sujeitos dos fenômenos que podem interferir nas funções e atividades dos órgãos. Assim, um gestor atento à mediação da leitura, fundamentado em tal ação, poderá melhor direcionar os sujeitos para compartilharem suas leituras sobre si, relacionadas ao outro e ao ambiente, proporcionando que indicações de melhorias para empresa sejam pautadas em uma leitura crítica e consciente da realidade dos sujeitos.

A mediação da leitura também é uma forma de dar visibilidade aos arquivos, pois ela incentiva os mediadores e os leitores a refletirem acerca dos espaços de promoção das ações e os objetos mediados, o que colabora na construção de sentido e significados dos sujeitos, que passa a ressignificar seu olhar para essas instituições arquivísticas, visto que, encontra nelas registros memorialísticos e identitários que os constituem enquanto cidadãos e

pertencentes a uma cultura, história, e/ou povo. A mediação da leitura também favorece uma interação maior entre usuários e arquivistas, de modo que esse profissional busque atuar diretamente na formação dos sujeitos, por meio de um processo dialógico que proporciona o encontro entre vidas, do arquivista, do usuário/leitor e dos produtores dos documentos arquivísticos. Assim, a mediação da leitura possibilita uma resignificação do papel social do arquivo e do arquivista, demandando novas leituras, não só dos documentos e informações, mas também dos sujeitos com quem interagem.

3 METODOLOGIA

A pesquisa configura-se como exploratória, tendo como objetivo geral analisar como os arquivistas realizam as atividades de mediação da leitura e quais os documentos utilizados nessas práticas. Quanto ao procedimento, o método utilizado é o levantamento de campo, de acordo com Gil (2007, p. 70) “As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”. O campo de investigação deste estudo foram os arquivistas do estado da Bahia. Devido à extensão do número desses profissionais no estado, optou-se por estabelecer um recorte, portanto, adotou-se como critério para delineamento da amostra, os arquivistas vinculados à Associação dos Arquivistas na Bahia (AABA). No ano de 2022, durante o mês de abril, foram identificados 46 arquivistas associados à AABA. Esses 46 profissionais integraram a amostra desta pesquisa.

Com a finalidade de alcançar o objetivo citado foi utilizada a técnica de aplicação de questionário via *e-mail*. Este instrumento foi composto por oito perguntas, sendo 5 questões objetivas e 3 questões discursivas. A partir do contato, mediado pela AABA, foi possível o envio por *e-mail* do questionário elaborado nesta pesquisa, tendo como possíveis respondentes os 46 arquivistas. Essa primeira fase da pesquisa teve início no dia 05 de abril de 2022 e foi concluída no dia 24 de maio de 2022, alcançando um total de 20 respondentes.

Na análise dos dados, foram utilizadas as abordagens quantitativa e qualitativa, pois se identificou e quantificou os arquivistas que realizam ou

realizaram atividades de mediação da leitura. Além de quantificar as ações mediadoras que são desenvolvidas e os documentos utilizados nessas práticas. Quanto à análise das questões discursivas, as variáveis da pesquisa se configuraram como categóricas, sendo assim, fez uso da análise qualitativa, para interpretação das respostas dos arquivistas sobre a percepção desses profissionais em relação à formação do sujeito leitor em decorrência das práticas de mediação da leitura e as dificuldades encontradas para realização das atividades.

Na análise das respostas dissertativas, portanto, segundo a abordagem qualitativa, foram identificadas as expressões produzidas pelos arquivistas que participaram da pesquisa que mais representaram as demais respostas, selecionando-as para que fossem apresentadas na análise e discussão dos resultados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados e analisados os resultados referentes às atividades de mediação da leitura realizadas por 20 arquivistas que aceitaram participar desta pesquisa. Os dados foram coletados através do questionário, sendo as perguntas formuladas de modo que se contemplou atividades já concluídas, como também em andamento, realizadas pelos participantes. Neste estudo não é evidenciado o local de atuação e nem o público-alvo das atividades realizadas por esses profissionais, informações referentes a esses assuntos foram compartilhadas de forma espontânea.

A primeira pergunta objetiva foi com o intuito de verificar se os arquivistas participantes compreendiam que realizam ou realizaram alguma atividade de incentivo à leitura. Dessa maneira, 18 dos respondentes sinalizaram ter desenvolvido alguma atividade de leitura, enquanto 2 afirmaram que não realizaram.

Salienta-se que um (1) dos dois (2) participantes que indicou não ter realizado atividade de mediação da leitura, respondeu outras questões que confirmam sua vivência enquanto mediador (a) da leitura, portanto 19 respondentes contribuíram para a percepção da atuação do arquivista na prática

de mediação da leitura. Esse dado é interessante, pois inferir-se que o questionário contribuiu para despertar nesse arquivista a tomada de consciência de uma atividade que realizava, mesmo sendo de maneira que não associava à mediação da leitura, haja vista que em um primeiro momento afirma não realizar e depois informa dados referentes a tais práticas ligadas à leitura.

As atividades de mediação da leitura realizadas por um número maior de arquivistas foram: a indicação de documentos (15 arquivistas) e apoio no esclarecimento de dúvidas de conteúdos de documentos arquivísticos (14 respondentes). Vale destacar a importância de tais atividades, visto que subsidiam a interpretação e a apropriação da informação por parte dos leitores, favorecendo que esses ampliem seus repertórios de conhecimento. Assim, entende-se que a mediação da leitura subsidia um processo informacional em que o arquivista não apenas colabora para o acesso ao documento, fazendo a indicação do mesmo, mas também apoia na interpretação e apropriação de seu conteúdo, reiterando que a leitura é um ato essencial para a apropriação da informação.

Destaca-se entre as atividades o fomento ao compartilhamento de narrativas, ação realizada por 10 arquivistas. Infere-se que essa ação possibilita uma leitura de si por parte do leitor e uma associação com o documento arquivístico, favorecendo que esse sujeito ressignifique seu entendimento sobre o arquivo e sobre a documentação, pois passa a atribuir sentido. Como também, tal ação coloca o leitor na centralidade da atividade arquivística, visto que ele também compartilha seu saber e auxilia outros sujeitos a ampliarem seus conhecimentos. Assim, essa atividade deve ser visibilizada, favorecendo que outros profissionais também possam desenvolver, segundo o perfil dos usuários e o ambiente que atuam.

A apresentação de documentos que compõem o acervo arquivístico, a narrativa sobre a história do arquivo e da instituição em que atuam, também foram indicadas de forma significativa, sendo a primeira praticada por 10 arquivistas e a segunda por 9 profissionais, também foi realizada por 5 arquivistas a exposição de documentos com relato. Essas três atividades de mediação da leitura guardam alguma semelhança, pois favorecem que os

usuários possam ampliar sua leitura sobre o ambiente e o documento arquivístico, interpretando-os para além do que alcançaram em uma primeira leitura, pois com o apoio do arquivista e dos demais leitores podem alcançar informações que estão implícitas e ressignificar o olhar tanto para o documento quanto o arquivo.

Pontua-se que essas atividades implicam diretamente no processo de apropriação da informação dos sujeitos, como também é possível por meio delas estabelecer um diálogo para troca de ideias, saberes e experiências. É necessário que o arquivista pratique a escuta e a observação para compreender as necessidades e atender as demandas dos usuários, articuladas as suas ações. Assim, as atividades de mediação da leitura tornam-se essenciais para o cumprimento da missão do arquivista, que vai além da disponibilização dos documentos, apoiando os sujeitos no acesso e na apropriação da informação para garantia de seus direitos.

A terceira pergunta do questionário teve como objetivo identificar os documentos utilizados pelos arquivistas nas atividades de mediação da leitura. A pergunta remete ao sentido lato de documento, questões quanto à origem, unidade produtora e tipologia documental não foram consideradas. A questão quanto a essa temática foi de múltipla escolha, os respondentes tiveram a possibilidade de sinalizar 6 opções de documentos.

Para facilitar a análise e compreensão dos resultados, os documentos sinalizados pelos arquivistas foram categorizados a partir do gênero documental classificado no Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005). Os documentos textuais, como cartas, regimentos, processos judiciais, recortes de jornais foram indicados por 14 arquivistas. Desse modo, o gênero documental textual é o que teve maior predominância nas atividades de mediação da leitura desenvolvidas pelos arquivistas participantes. Seguido do gênero iconográfico, com ênfase nas fotografias, esse documento foi recorrente em atividades realizadas por 10 participantes. Vale também destacar os documentos sonoros, que se enquadram no gênero audiovisual, e foram utilizados por 5 dos respondentes nas atividades mediadoras realizadas por eles.

Os documentos classificados quanto aos gêneros cartográfico e

filmográfico foram utilizados por 2 arquivistas, respectivamente. Dos respondentes, 3 deles sinalizaram o uso de documentos em suporte eletrônico. Observa-se o uso de documentos que contém informações imagéticas e sonoras em atividades de mediação da leitura realizadas por arquivistas, dado que se aproxima das reflexões apresentadas nos estudos de Martins (1988) em relação ao objeto mediado, que não é unicamente o escrito. Assim, o documento de arquivo é uma comprovação das diversas manifestações que o ser humano utiliza para comunicar suas atividades, idealizações, projetos e desejos, portanto, deve ser utilizado em atividades mediadoras que tenham o objetivo de ampliar o repertório informacional dos sujeitos por meio de ações leitoras que articulem a criatividade, criticidade e a arte de dialogar e compartilhar vivências entre sujeitos.

Além disso, 3 dos respondentes expressaram o uso de documentos tridimensionais (objetos, artefatos) em atividades de mediação da leitura. O resultado desta questão enfatiza o tratamento arquivístico de documentos não tradicionais; uma vez que esses tenham relação orgânica com os demais documentos que compõem o acervo. A mediação da leitura com documentos tridimensionais e a variedade de suportes dos documentos de arquivo tornam as atividades mais dinâmicas. Nessas circunstâncias implica aproveitar as singularidades dos documentos a fim de realizar uma ação em que todos os sujeitos compreendam e se apropriem de informações apresentadas por diferentes signos, proporcionando a inclusão social, visto que a barreira da linguagem é rompida e os sujeitos podem ter acesso e se expressarem a partir da linguagem que os deixarem mais confortáveis no ambiente arquivístico.

Para que os usuários se apropriem da informação, é necessário o acesso ao documento, a interpretação a partir do conteúdo desse documento, como também da própria dinâmica dos ambientes mediadores. Com isso, é preciso observar os critérios legais e respeitar as políticas de acesso das organizações, existindo também a necessidade de que esses documentos passem por tratamento técnico e que se ofereça instrumentos que proporcionem ao usuário o acesso à informação.

Além dos aspectos apresentados, os arquivistas participantes

compartilharam experiências, no sentido de indicar perspectivas e possibilidades de associação das atividades mediadoras às ações que realizam no cotidiano profissional. Para assegurar o sigilo da identidade desses participantes foram utilizados códigos, adotou-se então o termo “arquivista” seguido de número cardinal entre 1 (um) e 18 (dezoito), conforme a ordem dos respondentes apresentados no *Google Forms*. Salienta-se que 2, dos 20 participantes não responderam à questão que trata dos comentários analisados a seguir.

Em relação aos comentários referentes à percepção dos profissionais quanto à contribuição de suas atividades mediadoras para o desenvolvimento do ato de ler por parte dos usuários, vale ressaltar que dos 18 respondentes, 2 deles apenas afirmaram positivamente sobre as atividades de mediação da leitura contribuírem com os usuários, 3 arquivistas indicaram não ter um retorno por parte dos usuários. Por outro lado, 9 arquivistas além de confirmarem tal percepção também teceram comentários a partir da observação dos usuários e outros 4 profissionais além de afirmarem positivamente também associaram as contribuições das atividades de mediação da leitura com outras práticas arquivísticas.

O Arquivista 4 indica que o uso de documentos que apresentam linguagem específica incentiva a leitura, visto que esse Arquivista afirma que: “Lido com pessoas da área de informática, percebi que o uso de scripts e relatórios em linguagens de programação os incentiva imensamente”. Importa destacar que o contexto social em que os sujeitos estão inseridos é considerado no processo de leitura, como defendem Paulo Freire (1997) e Martins (1988). Neste cenário, está a formação profissional como um fator provável de direcionar vontades de leitura e pode ser um facilitador no processo de apropriação da informação, como também despertar e provocar outras leituras.

Os arquivistas 5, 6, 8, 11, enfatizam que percebem que as atividades de mediação da leitura estão associadas à busca e à apropriação da informação. Portanto, o arquivista enquanto mediador da informação deve estar atento à mediação da leitura, como ação que subsidia a apropriação da informação. Como posto pelos participantes da pesquisa, as práticas de mediação da leitura fomentam a curiosidade dos usuários/leitores que procuram por novas fontes de

informação, sendo imprescindível instigar a necessidade informacional apresentada por eles, permitindo que o leitor usufrua das informações para produção de conhecimento e interpretação da sua e de outras realidades.

Os comentários registrados pelos arquivistas 14 e 19 trazem exemplos sobre reflexões de leitura, o que demonstra um potencial para o processo dialógico, na medida em que os agentes envolvidos nas atividades de mediação da leitura se posicionam, seja para apoiar a busca de informação, esclarecimento de dúvidas ou compartilhamento de suas experiências, correlacionadas com os documentos lidos. O dialogismo é fundamental para as trocas e encontros entre os sujeitos, é por meio dele que se estabelece a afetividade e acolhimento, que conduzirão para aproximação entre sujeitos e encontros entre diferentes vidas, sejam elas registradas em documentos ou aquelas que se ressignificam a partir desses dispositivos informacionais, criando caminhos, por meio da leitura, para a apropriação da informação que favorece a transformação de sujeitos e o alcance do protagonismo social.

Com análise do posicionamento do Arquivista 15, verifica-se que as atividades de mediação da leitura contribuem para a efetividade do fluxo informacional da instituição. Entendendo que o fluxo informacional é necessário para tomada de decisão, rede de relacionamento e comunicação, e realização dos processos e subprocessos organizacionais. Quando as atividades de mediação da leitura corroboram para melhoria do fluxo informacional, percebe-se o resultado delas para além de um viés educativo e cultural, mas sim estratégico para execução de atividades finalísticas.

Destaca-se também a resposta do Arquivista 16, que expõe sua experiência enquanto docente, ao afirmar que a leitura possibilita o processo dialógico, além da construção do conhecimento. Apesar de o comentário restringir a sua atuação ao ambiente acadêmico, percebe-se que o mesmo entende que a mediação da leitura possibilita a construção e o compartilhamento de informações e conhecimento.

Os arquivistas 3, 13, 17 e 18 expressaram suas experiências com enfoque no exercício profissional e possíveis contribuições das ações mediadoras. Mesmo essa perspectiva não sendo o objetivo da questão, nota-se que os

arquivistas compreendem que as atividades de mediação da leitura interferem no fazer e visibilidade da área. Essa reflexão pode ser exemplificada com a resposta do Arquivista 18: “Recentemente realizei uma atividade com alunos do ensino médio no Núcleo de memória da Escola de Enfermagem UFBA. Apresentei documentos, fotografias. O objetivo do encontro foi promover o conhecimento da profissão de enfermagem e valorização do patrimônio e da memória da instituição”. A mediação da leitura potencializa a atuação e a execução das funções e atividades arquivísticas, além de fortalecer uma ação humanizada e atenta aos aspectos socioculturais por parte do profissional arquivista, de modo que esse pode contribuir com a formação dos leitores por meio do acesso, uso e apropriação da informação, favorecendo que aspectos identitários de si e do seu contexto sociocultural sejam (re)conhecidos.

O reconhecimento do arquivista enquanto mediador da leitura depende do posicionamento deste profissional como tal. No entanto, questões quanto à formação, falta de visibilidade dos arquivos, cultura organizacional e as particularidades dos documentos de arquivos são fatores que dificultam o desenvolvimento de atividades mediadoras por arquivistas. Campos (2022) em seu artigo intitulado *A trama e a urdidura: arquivo, informação e mediação*, destaca-se que a relação ‘usuário – arquivo’ apresenta complicações uma vez que os sujeitos não estão habituados a essas unidades de informação. O que torna a mediação um desafio para os arquivistas.

Diante disso, nesta pesquisa foi proposto aos participantes relatarem as dificuldades vivenciadas para realização das atividades de mediação da leitura.

Pode-se observar que 3 respondentes sinalizaram não ter vivenciado dificuldades na realização de atividades de mediação da leitura. O segundo indicador trata-se dos arquivistas que explicaram que a cultura organizacional da instituição em que atuam prejudica a realização de atividades de mediação da leitura. Essa problemática é relatada por 4 dos participantes, o Arquivista 12 expõe que “Tratando de atividades de leitura no ambiente de trabalho, encontro bastante resistência por parte dos colegas de trabalho [...]”. A falta de apoio que os arquivistas encontram nas esferas das organizações dificultam a realização de atividades e até mesmo uma atuação mais proativa deste profissional. Neste

cenário é preciso que o arquivista se posicione e por meio do diálogo e entrega de resultados, a fim de provocar a conscientização dos seus gestores e parceiros.

O terceiro indicador reuniu as respostas dos arquivistas que descreveram a falta de interesse, hábito e resistência dos usuários, totalizando 6 respondentes, esse foi o fator mais mencionado pelos participantes. O arquivista 8 afirma: "A maior dificuldade acredito que seja a falta de hábito ou certa resistência demonstrada pelos sujeitos para a realização da leitura". Conforme refletido anteriormente, essa e as demais afirmativas apresentadas pelos arquivistas corroboram para indicar que ainda se mantém um entendimento do arquivo como um espaço apenas de acesso aos documentos. É preciso ressignificar a visão dos sujeitos para com os arquivos, demonstrar a contribuição desse ambiente para o desenvolvimento de práticas que envolvem o debate e a problematização de temas atuais que possuem vestígios em práticas culturalmente enraizadas, bem como discutir sobre temas que envolvem setores em uma instituição, com base em dados advindos dos registros nos documentos organizados no acervo do arquivo, que podem subsidiar a tomada da decisão.

Nesse sentido, o Arquivista 19 reflete que:

Por serem expostas à leitura como algo obrigatório e encararem como um trabalho forçado de ler o que não lhes interessa, as pessoas perdem o prazer geral pela leitura, e essa é a maior dificuldade. Não são levadas a perceber que é prazeroso ler sobre assuntos que gostamos e a partir daí aumentar a gama de conteúdos ampliando o contato com essas atividades. Os problemas de visão também atrapalham.

O arquivista deve apresentar a leitura como ato de significação, de prazer e de (re)conhecimento, desmistificando que a leitura só é realizada como obrigação e de forma mecânica. Os arquivistas podem, por meio da mediação acolhedora e dinâmica, contemplar aspectos representativos dos sujeitos, de modo que eles sintam-se pertencentes ao ambiente arquivístico, possam associar a leitura às vivências cotidianas, percebendo que através da leitura suas concepções são ampliadas e esse é um ato relacionado à dinâmica da vida, ou seja, a todo o momento o sujeito está realizando a leitura, conforme defende Paulo Freire (1997) ao refletir que a leitura do mundo precede a leitura da

palavra.

Ainda sobre as dificuldades vivenciadas pelos arquivistas, salienta-se que 3 dos respondentes manifestaram que a falta de material e as especificidades dos documentos de arquivo dificultam a realização de atividades de mediação da leitura. O Arquivista 15 relata:

Como atuo em um escritório de contabilidade, as leituras as quais devo incentivar seriam mais técnicas, como as de manuais e legislações. Essa linguagem mais técnica seria uma dificuldade tanto para mim (como mediador arquivista) quanto para os usuários (principalmente os externos - clientes).

Os documentos de arquivos apresentam uma linguagem técnica, tendo em vista que são criados a partir de uma função. Diante disso, os arquivistas na realização das atividades mediadoras podem considerar essas singularidades, utilizando de recursos que tornem a linguagem mais acessível para os usuários. Importa-se atentar também na produção do documento, a fim de que a disposição das informações e as informações registradas possam ser interpretadas pelos usuários com clareza. Ao destacar a dificuldade também para o mediador, percebe-se a necessidade deste profissional ser leitor e que desde a graduação desenvolvam competências e um perfil que atenda às necessidades dos usuários.

Outra dificuldade apresentada é em relação à formação acadêmica, sendo indicada por 3 dos respondentes. Os respondentes apontam as fragilidades no processo de formação trazendo uma crítica as didáticas de ensino aplicadas durante a graduação, a falta de material sobre a temática e ausência de atividades extracurriculares que envolvam atividades de mediação da leitura. Os currículos acadêmicos dos cursos de Arquivologia precisam contemplar áreas de estudo que estimulem a criticidade e criatividade dos discentes, para uma formação que ofereça subsídios para uma atuação humanizadora, inclusiva e cultural. É preciso que os arquivistas percebam que a leitura é crucial para o exercício da profissão e sua atuação como mediador da leitura é basilar e essencial, pois só por meio do ato de ler os sujeitos podem realizar o processo de apropriação da informação e construção do conhecimento.

Um respondente mencionou que encontra dificuldade de manter a periodicidade das atividades. O Arquivista 7 esclarece que “Inserir essa atividade

com uma atribuição e não uma atividade desenvolvida esporadicamente em projeto de extensão ou uma ação isolada sem vínculo com a função da arquivista”. Faz-se necessário o fortalecimento da percepção da mediação da leitura a partir das funções e atividades do arquivista. As atividades de mediação da leitura, como apresenta o Arquivista 7, não podem ser esporádicas, devem ser ações planejadas e articuladas com o objetivo do arquivo, perfil e necessidade do usuário/leitor, de modo a ressignificar a visão que este possui do arquivo e do seu profissional, além de contribuir para a formação e desenvolvimento social desse sujeito leitor.

É preciso que a *práxis* dos arquivistas possibilite reflexões acerca da realização de atividades de mediação da leitura por esses profissionais, assim, pode-se traçar mecanismos para lidar com as dificuldades encontradas pelos arquivistas e favorecer que outros também passem a realizar atividades de mediação da leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das demandas socioculturais, o perfil de atuação do arquivista foi sofrendo modificações e o mesmo passou atuar para além das funções e atividades de preservação e organização dos documentos. Com isso, a missão dos arquivistas é a salvaguarda dos documentos, garantindo que gerações futuras possam ter acesso à informação; a organização que favorece a rápida recuperação das informações que os usuários necessitam; e apoio ao acesso e ao processo de apropriação da informação por parte dos sujeitos. Assim, os arquivistas vão além das práticas voltadas exclusivamente aos documentos, visto que os sujeitos - sua formação e atuação social - podem ter a contribuição desse mediador para o alcance de seus objetivos, desejos e direitos.

Nesta pesquisa buscou-se compreender se os arquivistas realizam atividades de mediação da leitura, uma vez que tais ações possibilitam que os sujeitos se apropriem da informação e tenham suas necessidades informacionais compreendidas e atendidas. Dessa maneira, a análise dos resultados deste estudo sinalizou que parte significativa dos arquivistas participantes realizam atividades de mediação da leitura. Essas atividades

reforçam o compromisso social dos arquivistas e contribuem na formação social dos sujeitos, na garantia de direitos, no uso da informação de forma estratégica, na atribuição de significados, nas interpretações pessoais e coletivas, e na comunicação e relacionamento desses sujeitos com o mundo e com o outro. Para isso, exige-se uma postura consciente dos arquivistas na realização de atividades de mediação da leitura e atenção quanto às diretrizes que regem as organizações em que eles atuam e as legislações e critérios adotados para acesso das informações por eles custodiadas.

Entre as atividades de mediação da leitura que teve maior destaque, pode ser citada a indicação de documentos/leitura que foi sinalizada por 15 arquivistas. Podem ser citadas outras atividades realizadas pelos arquivistas, a saber: o apoio no esclarecimento de dúvidas de conteúdos de documentos arquivísticos; o fomento ao compartilhamento de narrativas e a apresentação de documentos que compõem o acervo arquivístico. Essas atividades contribuem para interpretação, apropriação da informação, ampliação de repertório informacional e ambiência das instituições arquivísticas, através do diálogo e troca de experiências. Faz-se necessário uma postura humanizadora e acolhedora dos arquivistas, para que assim os usuários possam interagir durante as atividades.

Os documentos utilizados pelos respondentes nessas ações mediadoras são, em sua maioria, de gênero documental textual (14 respondentes) e iconográfico (10 respondentes). O uso de documentos de arquivo em diferentes suportes reforça que o objeto usado nas atividades de mediação da leitura não se restringe a documentos bibliográficos, em especial, ao livro. Portanto, pode-se mediar a leitura com uma carta, com uma fotografia, com um mapa, com uma escultura. Os documentos de arquivos carregam registros comprobatórios e testemunhais com potenciais significativos para quem o gerou, para a instituição produtora e seus colaboradores.

Ainda neste estudo, apresentou-se uma análise da percepção dos arquivistas quanto à contribuição das atividades de mediação da leitura no incentivo ao ato de ler por parte dos leitores. Os resultados são positivos e demonstram que 15 dos arquivistas participantes percebem que as atividades

de leitura favorecem a leitura e promovem a curiosidade e criticidade dos sujeitos leitores. Entretanto, esses agentes mediadores identificam algumas dificuldades na realização dessas atividades, por exemplo, a falta de interesse dos sujeitos e a cultura organizacional. Tais barreiras para o desenvolvimento das atividades mediadoras podem ser dirimidas a partir de uma ação formativa, em que os arquivistas possam compartilhar e ter acesso a novas perspectivas sobre a mediação da leitura, contribuindo para a sensibilização organizacional que, de maneira coletiva, possa favorecer a realização das atividades mediadoras, conduzindo a uma ampliação da participação ativa dos sujeitos leitores.

Reitera-se também o entendimento sobre a interrelação da leitura e da informação, haja vista que a primeira é um ato essencial para a decodificação e interpretação da informação, e essa é a instância a qual os leitores realizam um processo de entendimento para que se possa ampliar seu repertório de saber. Portanto, torna-se relevante que em outras pesquisas se intensifiquem as investigações do arquivista como mediador da leitura e mediador da informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da Informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL), **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <https://simagestao.com.br/wpcontent/uploads/2016/01/Dicionario-de-terminologia-arquivistica.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BELLOTTO, H. L. **O Arquivista na sociedade contemporânea**. [S.l.]: [s.n.], [2006]. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/texto01.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

BELLOTTO, H. L. Da gênese à função: o documento de arquivo como informação e testemunho. *In*: FREITAS, L.; MARCONDES, C.; RODRIGUES, A. (org.). **Documento: gênese e contextos do uso**. Niterói: EduFF, 2010. p. 161-174.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. Orientador: Oswaldo Francisco Almeida Júnior. 2010. 234 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências,

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010.
Disponível em:
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103349/bortolin_s_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 ago. 2022.

BRANDÃO, G. S. A mediação da informação no contexto da arquivologia: atuação do arquivista e competências necessárias. **Archeion Online**, João Pessoa, v. 10, n. Especial, p. 31-48, 2022. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/194405>. Acesso em: 08 maio 2022.

CAMPOS, J. F. G. A trama e a urdidura: arquivo, informação, mediação. *In*: SILVEIRA, F.J.N.; FROTA, M.G. C.; MARQUES, R.M. (org.). **Informação, mediação e cultura: teorias, métodos e pesquisas**. Belo Horizonte: Letramento: PPGCI, 2022. p. 505-520.

DUCHEIN, M. O papel da arquivologia na sociedade de hoje. **Arquivo & Administração**, Brasília, v. 6, n. 3, 1978. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/21397>. Acesso em: 24 abr. 2022.

FREIRE, P. Primeira carta. *In*: FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997. cap.2, p. 19-26.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P. Processo de leitura para análise documental: proposição metodológica. *In*: FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 243-269. ISBN: 978-65-8654-607-1. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/96v3r/pdf/fujita-9786586546071.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

GIL, A. C. Delineamento da Pesquisa. *In*: GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007. cap. 6, p. 64-74.

LEFFA, V. O conceito de leitura. *In*: LEFFA, V. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1996. cap. 1, p. 9-24.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. E-book (46 p.). Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/30652716/O-que-e-Leitura-Maria-Helena-Martins>. Acesso em: 10 jul. 2022.

PINA, P.; SAMPAIO, D. Textos, leitores, literatura(s)...ler, hoje? **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 30, p. 58-65, ago. 2010.

SANTOS, V. B. Gênero documental na arquivística: revisitando o conceito. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, v. 2, n. 4, p. 54-66, jul./dez. 2018. Disponível em:

https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_4.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

SILVA, R. J.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação: perspectivas conceituais em educação e ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 71-84, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22559>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SOUSA, A. C. M.; SANTOS, R. R.; JESUS, I. P. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MEDIATION, GIFT: ARCHIVISTS AS READING MEDIATORS

ABSTRACT

Objective: To analyze how archivists have been carrying out reading mediation activities and which documents are used in these practices. **Methodology:** The research is configured as exploratory, regarding the procedure, the method used is the field survey. Data were collected through an online questionnaire and analyzed based on a quantitative and qualitative approach. **Results:** The collected data lead to the perception that archivists are reading mediators and act in direct and indirect support, in the formation of readers, and in their mediating activities they use archival documents, with emphasis on textual and iconographic documents. **Conclusions:** it was found that reading mediation activities are essential for a proactive role by the archivist and that these mediating activities can contribute to the critical interpretation and formation of subject-readers, leading them to a reflection that supports the awareness of their actions, based on the search, access and appropriation of information.

Descriptors: Reading. Reading mediation. Archivist-performance. File-reader.

MEDIACIÓN, DON: LOS ARCHIVOS COMO MEDIADORES DE LECTURA

RESUMEN

Objetivo: Analizar cómo los archiveros vienen realizando actividades de mediación lectora y qué documentos se utilizan en estas prácticas. **Metodología:** La investigación se configura como exploratoria, en cuanto al procedimiento, el método utilizado es la encuesta de campo. Los datos fueron recolectados a través de un cuestionario en línea y analizados con base en un enfoque cuantitativo y cualitativo. **Resultados:** Los datos recolectados conducen a la percepción de que los archiveros son mediadores de lectura y actúan en apoyo directo e indirecto, en la formación de lectores, y en sus actividades de mediación utilizan documentos de archivo, con énfasis en documentos textuales e

iconográficos. **Conclusiones:** se constató que las actividades de mediación lectora son esenciales para un papel proactivo del archivero y que estas actividades mediadoras pueden contribuir a la interpretación crítica y formación de sujetos-lectores, llevándolos a una reflexión que apoye la toma de conciencia de sus acciones, a partir de sobre la búsqueda, acceso y apropiación de la información.

Descriptor: Lectura. Mediación lectora. Archivista-performance. Lector de archivos.

Recebido: 05.01.2023

Aceito em: 06.08.2024